

IN MEMORIAM.

Professor José Pinto Antunes*.

Manoel Gonçalves Ferreira Filho

Professor Titular de Direito Constitucional na Faculdade
de Direito da Universidade de São Paulo.

No momento em que esta sessão se abre, tudo silencia nas Arcadas. Param as aulas, cessam os mestres a preleção, calam-se os alunos, interrompem os funcionários a labuta. Emudece a Faculdade que se recolhe contrita, imersa na reverência e na saudade. É dia de tristeza!

Das salas de aula, dos locais de trabalho, todos acorrem a este salão nobre, todos se reúnem para ainda uma vez lembrar o chefe, o mestre, o colega, o amigo que se foi.

Para a Congregação, para os professores que hoje ocupam as cátedras da Faculdade, é particularmente dura a provação.

A Congregação do presente se apercebe, cruamente, de que não é mais a mesma. Há um lugar agora desocupado, uma figura, uma voz, um sorriso que falta. Cada um sente a passagem do tempo, a transitoriedade da vida. De todos a angústia se aproximou um passo. Em todos a angústia oprime o coração. Para todos, é dia de tristeza!

Mas se na terra é dia de despedida, é ocasião de homenagem derradeira, na eternidade é dia de recepção. Pois se a Congregação dos presentes perde um dos seus, a Congregação da história ganha um novo vulto. Para a comunidade aqui reunida, é um que falta, mas para a Academia, eternamente

*. Discurso proferido na Sessão Solene da Congregação realizada a 13 de maio de 1975, em homenagem póstuma ao Professor JOSÉ PINTO ANTUNES, no trigésimo dia de seu falecimento.

viva através das gerações em sucessão, é mais um que ingressa no elenco de suas glórias.

Deixa-nos o Prof. José Pinto Antunes e nós, homens, o lamentamos e choramos. Acorre o Prof. José Pinto Antunes à eternidade e a Academia tem mais uma estrela a rutilar no manto da história.

I.

No discurso de posse como Diretor desta Escola, o Prof. Pinto Antunes traçou, com o risco firme de um clássico, a própria biografia. E ninguém o poderia fazer com maior elegância e finura.

Recordando-a, posso ainda ouvi-lo. Soa e ressoa neste salão nobre, ainda agora, a sua voz, jubilosa e levemente irônica a saborear o triunfo, a coroação de seus planos de vida.

A relembrar os antepassados, “senhores da terra e amantes da terra”, agricultores que embalavam os filhos a recomendar-lhes:

“Semeia e cria e terá alegria!”

A recordar o ingresso na Faculdade, o orgulho em estudar no Largo de São Francisco, o amor que dedicou à Academia durante os cinco anos de Curso, coroados com o recebimento do prêmio “Rodrigues Alves” O amor que continuou a dedicar-lhe e que lhe inspirou a vocação de professor, para nela ficar definitivamente.

Não foi fácil, entretanto, o caminho que Pinto Antunes teve de percorrer para que a Congregação viesse a recebê-lo como um dos seus. Como a querer provar-lhe o valor, a constância, a resolução, a Faculdade, qual dama caprichosa de romance de cavalaria, impôs a seu paladino vários trabalhos e muitas mágoas.

Com efeito, conquanto tenha sido aluno brilhante e premiado da Academia, Pinto Antunes não logrou êxito no primeiro concurso em que postulou a cátedra no Largo de São

Francisco. Esse dissabor teria afastado muitos outros do ideal, pelas circunstâncias que o cercaram. Ainda mais que, se a Faculdade de São Paulo lhe fechava as portas, a política o acolhia, elegendo-o deputado à Assembléia Constituinte de São Paulo. E, sobrevivendo o Estado Novo, é a Faculdade de Direito de Belo Horizonte que o recebe como catedrático de Direito Industrial e Legislação do Trabalho, pela porta augusta do Concurso.

Assim como Lia não desviou Jacó do intento de alcançar Raquel, a cátedra em Minas Gerais não afastou Pinto Antunes do objetivo, uma cadeira na Faculdade de São Paulo. Persistente, veio disputar a cátedra de Direito Constitucional mas, numa surpresa, somente obteve a livre-docência. Mais uma vez seria o caso de desanimar, entretanto Pinto Antunes persistiu. Numa disputa empolgante, enfrentando mestres consumados, num concurso memorável de que sou testemunha, porque a ele assisti como jovem estudante, arrebatou a cadeira de Economia Política. Tinha alcançado o desiderato. Podia, então, ser dominado pelo orgulho. Não. Numa humildade sublime, recordou, no momento do êxito, o verso camoniano:

.....“Mais servira, se não fora

Para tão longo amor tão curta a vida!”

Professor do Largo de São Francisco, o reconhecimento de seus méritos e de sua capacidade, por parte dos colegas, havia de levá-lo, como o levou à direção da Faculdade. Primeiro, como Vice-Diretor da Academia, mas no exercício da diretoria durante todo o tempo em que o Professor Alfredo Buzaid exercia interinamente a Reitoria da Universidade de São Paulo. Depois, como Diretor, indicado à testa da lista tríplice pela Congregação unânime e nomeado pelo Magnífico Reitor, o Professor Miguel Reale, outro de seus eminentes colegas.

Ocupou o Professor José Pinto Antunes a diretoria da Faculdade num período difícil. Sofrera ela o impacto da luta política nacional, ela própria reflexo de um conflito mundial.

Fora transformada em campo de batalha da guerra revolucionária. Por breve período, suas instalações tinham sido ocupadas. Muito de seu patrimônio fora depredado. O pior, porém, não era o dano material, era a divisão que separava professores de professores, professores de alunos, alunos de alunos. A Academia era uma casa dividida.

Propôs-se ele a si próprio uma tarefa de reconstrução. De reparação do patrimônio para o que seu fino gosto artístico o indicava particularmente, mas sobretudo de reparação do espírito acadêmico. E no êxito que conseguiu neste mister, está indubitavelmente o seu maior título de glória. Com atenção, com carinho, com simpatia, com habilidade, com diplomacia, reconciliou Pinto Antunes os irmãos divididos, restabeleceu os liames entre corpo discente e corpo docente, deu paz à Academia.

Tal era a situação ao entregar a direção da Academia a seu sucessor, honra que me coube e que marca indelevelmente a minha lembrança. E, permita-me a douta Congregação um momento de recordação pessoal. A recordação de que em quatro pontos cruciais de minha vida, estava presente o Professor Pinto Antunes. No meu concurso de livre docência, quando, membro da Banca Examinadora, numa frase de espírito, comparando-me a uma semente, prometia regá-la para que se transformasse numa árvore; no meu concurso de cátedra, a infundir-me confiança; ao passar-me a Diretoria, dando-me apoio; ao chegar à Faculdade, indicado Vice-Governador do Estado, a soprar-me no ouvido:

“Excelsior. excelsior”

II.

Uma certa revista que os intelectuais desprezam, dedicava, em todos os números, espaço para uma pequena biografia intitulada “o meu tipo inesquecível” Acredito que, para toda uma geração das Arcadas, mestres e discípulos irmanados, é o Professor Pinto Antunes uma figura inesquecível.

Basta fechar os olhos para vê-lo: De boa estatura e bom físico, sempre vestido com elegância e apuro, com suas gravatas, longas ou de borboletas, a darem o tom.

O olhar sempre alerta, um sorriso nos lábios, a percorrer o prédio, fiscalizando os trabalhos, orgulhoso dos melhoramentos que mostrava com prazer. Saudado com amizade e simpatia pelos estudantes que tinham nele um amigo seguro, a proteger-lhes paternalmente contra ameaças internas e externas à Escola. Cumprimentado com respeito pelos professores que admiravam nele a operosidade; obedecido sem hesitação pelos funcionários que sabiam de sua justiça.

Tinha, do político que fora, a habilidade no manobrar e o juízo seguro dos homens e de suas vaidades. Sabia como ninguém tecer alianças, preparar maiorias, enfrentar dificuldades, conduzir os próprios adversários. Nunca ou quase nunca era vencido na Congregação. Para tudo isso, servia-se de uma capacidade inata em julgar os homens e identificar-lhes as forças e fraquezas. Sem dúvida, era por isso um pouco cético quanto aos humanos. Via-lhes, claramente demais talvez, os defeitos e as virtudes. Mas, exatamente por essa razão, alimentando o orgulho de um, espicaçando a ambição do outro, insuflando a vaidade de terceiro, apelando ao raciocínio quando era o caso, sabia liderar e conduzir os homens.

Parecia rancoroso e vingativo. Teve muitos inimigos, pois ninguém de valor passa impunemente pela vida. Entretanto, era de bom coração, sempre pronto a ajudar o necessitado, a apoiar os que precisavam de suporte para crescer no mundo. Sabia perdoar e muito perdoou.

Era querido. Que o digam os alunos sempre prontos a aclamá-lo e aplaudí-lo.

III.

Douta Congregação, caros alunos,

Ao reverenciar a memória do Professor Pinto Antunes, esta Faculdade não homenageia simplesmente um mestre ilustre,

um diretor operoso. Ela se reencontra consigo própria na continuidade e na tradição.

Na continuidade, porque Pinto Antunes foi uma expressão lídima da Academia do Largo de São Francisco. Aluno da casa, aqui recebeu sua formação jurídica. Mestre da casa, aqui voltou para dar formação jurídica às novas gerações. Brilhou como aluno e como mestre, aquele premiado, este autor de obras como “*A produção sob regime da Empresa*” que influenciaram mais de uma geração. Na tradição, também, porque Pinto Antunes não faltou à devoção aos valores fundamentais que ornaram a vida das Arcadas. Basta que se consultem os seus livros, dos quais um dedicado aos Direitos do Homem, outro à limitação dos Poderes. Basta que se recorde a sua breve passagem pela vida política, a batalhar pela reconstitucionalização do Brasil.

Sirva ele de exemplo para todos nós, professores e alunos. Inclusive no amor à Academia, para que um dia possamos repetir como ele gostava de fazer, a lição de Alcântara Machado:

...“incapaz de servi-la quanto devo, prezo-me de amá-la quanto posso”.

Discurso de Agradecimento de João Paulo Bittencourt.

Impedido por motivo de saúde de aqui comparecer e, pessoalmente, agradecer à Faculdade esta homenagem póstuma ao seu único e saudoso irmão Professor José Pinto Antunes, mas aqui presentes sua cunhada e seus sobrinhos, pedem João Pinto Antunes que, na minha qualidade de primo e amigo, o represente e vos agradeça este preito de saudade, em seu nome e da família. E quero fazê-lo também em meu nome e no de nossa terra, Lorena, porque dele nos orgulhamos e assim nos toca também.

Disse o vosso ilustre orador que esta Casa se recolhe contrita, imersa em reverência e saudade. Disse-o bem, porque este duplo sentimento é o mesmo que nos avassala, a sua família, os seus amigos e a sua cidade. Há um vazio, como que um rastro de luz ou um resto de perfume fugaz desse ente querido que se foi, ainda apolíneo e brilhante, para a barca de Caronte. Sua morte súbita, seu desaparecimento na plena pujança da sua inteligência e das suas faculdades vitais, dono da sua vontade e da sua vaidade de esteta que era, nos perturba e nos aturde porque parece que quis sempre deixar de si uma imagem de plenitude, de apogeu, eximida da fatal decadência da senilidade. Porque ele tinha o gesto, a vaidade e o refinamento de um homem da Renascença.

Recordando, porém, sua vida entre nós devemos reconhecer que José Pinto Antunes só teve dois grandes amores, que foram duas Casas: a sua casa de Lorena, o solar dos seus maiores, e esta Faculdade. Nesses dois amores ele se realizou.

Com que carinho cuidou da reconstrução do velho solar de nosso bisavô João Batista de Azevedo. Preocupava-se com os mínimos detalhes, os mesmos assoalhos, as mesmas telhas, até uma janela menor que as outras, as rótulas cada uma conservando um estilo correspondente aos existentes no nosso Vale do Paraíba. Que se conservassem o velho pé de araçá e as centenárias jaboticabeiras junto do rio. E, depois, os velhos móveis e alfaias da família conseguidos dos parentes. As andanças pelas velhas cidades de Bananal, Areias e Silveiras, em busca do autenticamente nosso para restituir à velha mansão “o tempo perdido” d’antanho. Tudo isso amorosamente, entre a elaboração da tese de concurso sobre *O Sindicato* para esta Faculdade e depois a tese *Da Concorrência Desleal* para a de Minas Gerais, primeiro indo e vindo diariamente da Fazenda do Porto do Meira e mais tarde, obtida a cátedra em Belo Horizonte, viajando todo mês e trazendo peças preciosas para o seu acervo. Só quem, como eu, pode acompanhá-lo nessa tarefa, é que pode saber e dizer que era recuperando o antigo solar de nossa gente que Pinto Antunes recupe-

rava o passado da velha Hepacaré dos condes e dos barões, tornava-a viva pelo seu amor.

Do outro grande amor, do amor de Pinto Antunes a esta nossa querida Casa Mater, recuperando o seu passado glorioso, trazendo-o vivo aos nossos olhos, já nos disse num preito de justiça o Professor Manoel Gonçalves em palavras repassadas de amizade, ao evocar a sua atuação como Diretor, como colega e como amigo, amigo de todos, dos colegas, dos estudantes e dos funcionários, nas horas boas e sobretudo nas amargas. O seu amor pertinaz e sincero por esta Casa desde os bancos acadêmicos acabou por conquistá-la.

Mas, eis a dura realidade: já não o temos mais ao nosso lado. Nós, os familiares, ao nosso Dedé; vós, Senhores Professores, ao vosso J. Pinto Antunes; e os estudantes ao seu “Pantú”, como carinhosamente o chamavam.

Resta-nos a todos a sua imensa saudade. E a nós, a sua família, pelo carinho e o significado desta vossa homenagem, conforta-nos a certeza de que ele está presente nesta Casa, nos vossos corações, como está na sua Casa lorenense e em nós. E queremos, por isso, agradecer o inefável da vossa homenagem, traduzida na ternura das palavras do vosso ilustre orador.